



## Caracterização social e econômica da videira

Pedro Carlos Gama da Silva<sup>1</sup>  
Rebert Coelho Correia<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Eng<sup>o</sup> Agr<sup>o</sup>, M.Sc., Embrapa Semi-Árido, Cx. Postal 23, 56300-970 Petrolina-PE.  
e-mail: [gama@cpatsa.embrapa.br](mailto:gama@cpatsa.embrapa.br)  
[rebert@cpatsa.embrapa.br](mailto:rebert@cpatsa.embrapa.br)

## 2.1. INTRODUÇÃO

O esforço de modernização da agricultura brasileira, intensificado pelo Estado a partir dos anos sessenta, e a implantação dos projetos de desenvolvimento no Nordeste brasileiro, provocaram profundas transformações na estrutura produtiva desta região e favoreceram o processo de sua integração a uma economia de mercado e agroindustrial. Tais mudanças ocorreram, principalmente, com a implantação das grandes infra-estruturas rodoviárias e hídricas, nas décadas de setenta e oitenta, a partir de grandes investimentos públicos e privados, provocando a emergência de uma agricultura empresarial, concentrada em alguns pólos de desenvolvimento desta região.

Entre esses pólos, pode-se destacar o Submédio São Francisco, localizado na região semi-árida do Nordeste, onde a aplicação de tecnologias modernas de agricultura irrigada permite a obtenção de produtividades elevadas e frutos de boa qualidade, o que credencia esta região como importante pólo de produção e exportação de frutas tropicais no país.

Dentre as fruteiras cultivadas comercialmente no Submédio São Francisco, a videira aparece como a terceira mais importante cultura em termos de área plantada, com uma área estimada de 4.960 ha, no ano de 1998 (Prognóstico Agrícola, 1998), superada apenas pela manga e coco. A cultura da videira reveste-se de especial importância econômica e social, à medida em que envolve um grande volume anual de negócios e destaca-se, entre as culturas irrigadas, como a que apresenta a maior geração de empregos diretos e indiretos no campo. Somente no ano de 1996, considerando-se a produção e o valor médio por tonelada, estima-se em 150 milhões de reais, o volume de negócios movimentado pela viticultura da região.

## 2.2. EVOLUÇÃO DO CULTIVO DA VIDEIRA

A viticultura na região semi-árida vem se destacando no cenário nacional, não apenas pela expansão da área cultivada e do volume de produção, mas, principalmente, pelos altos rendimentos alcançados e pela qualidade da uva produzida.

No período 1991-1998, a área de uva colhida na região Nordeste cresceu 303%, enquanto que nas demais regiões houve uma redução de 9,1%. Conforme pode ser observado no Quadro 1, em 1991 a viticultura regional representava, apenas, 2,14% da área colhida nacional, enquanto a das regiões Sudeste e Sul representava, respectivamente, 16,0% e 82,2%. Em 1998, passou a representar 8,8% da área nacional, enquanto que a do Sudeste e Sul passou a ser de 18,2% e 73,0%, respectivamente (Anuário Estatístico do Brasil, 1993, Prognóstico Agrícola, 1998).

A evolução da área cultivada reflete-se diretamente sobre o volume da produção. A taxa média de crescimento da produção nacional de uva, no período de 1991 a 1998 foi da ordem de 3,37% ao ano, enquanto para o Nordeste do Brasil o crescimento foi da ordem

de 72,27% ao ano (Anuário Estatístico do Brasil, 1993; Prognóstico Agrícola, 1998; Lins, 1995). Conforme pode ser observado no Quadro 2, o sul do país ainda se destacou como a maior região produtora de uva, com 53,0% da produção nacional, no ano de 1998; porém, vale ressaltar que a uva produzida nessa região destina-se, essencialmente, à produção de vinho, enquanto nas Regiões Sudeste e Nordeste predomina a produção de uvas de mesa. Destaca-se, também, que na região nordeste a participação dos Estados de Pernambuco e Bahia, favorecidos pelo binômio clima-solo, possibilita a elevação da área cultivada para produção de uvas finas de mesa. Considerando que no ano de 1994, o volume de uva de mesa no Brasil era estimado em 345 mil toneladas (Tinlot & Rousseau, 1995), deste volume a região do Submédio São Francisco contribuiu com 94 mil toneladas (VALEXPORT, 1996), ou seja, com 27,0% da produção nacional de uva de mesa.

Quadro 1. Área colhida de videira (ha) e percentual por região e estados produtores do Brasil (1991-1998).

REGIÃO / U.F.	1991	%	1992	%	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%	1997	%	1998 <sup>1</sup>	
<b>NORDESTE</b>	<b>1.229</b>	<b>3</b>	<b>2.902</b>	<b>5</b>	<b>3.727</b>	<b>6</b>	<b>3.899</b>	<b>6</b>	<b>4.657</b>	<b>8</b>	<b>4.847</b>	<b>8</b>	<b>4.368</b>	<b>7,7</b>	<b>4.960</b>	<b>8,8</b>
Pernambuco	1.229	3	1.340	2	1.861	3	1.971	3	2.615	4	2.626	4	2.044	3,6	2.605	4,6
Bahia	0	0	1.562	3	1.866	3	1.928	3	2.042	4	2.221	4	2.324	4,1	2.355	4,2
<b>SUDENE</b>	<b>8.939</b>	<b>17</b>	<b>9.975</b>	<b>17</b>	<b>10.264</b>	<b>17</b>	<b>9.962</b>	<b>17</b>	<b>10.354</b>	<b>17</b>	<b>10.339</b>	<b>17</b>	<b>10.305</b>	<b>18,0</b>	<b>10.161</b>	<b>18,2</b>
Minas Gerais	0	0	689	1	856	1	824	1	835	1	835	1	785	1,3	721	1,3
São Paulo	8.939	17	9.286	16	9.408	16	9.138	16	9.519	16	9.504	16	9.520	16,7	9.440	16,9
<b>SUL</b>	<b>47.136</b>	<b>80</b>	<b>46.790</b>	<b>78</b>	<b>45.985</b>	<b>77</b>	<b>46.235</b>	<b>77</b>	<b>45.580</b>	<b>75</b>	<b>44.716</b>	<b>75</b>	<b>42.256</b>	<b>74,3</b>	<b>40.844</b>	<b>73,0</b>
Paraná	2.860	5	3.128	5	2.953	5	3.608	6	3.845	6	3.750	6	4.200	7,4	4.150	7,4
Santa Catarina	4.293	7	4.028	7	4.108	7	3.955	7	3.727	6	3.727	6	3.645	6,4	3.017	5,4
Rio Grande do Sul	39.983	68	39.634	66	38.924	65	38.672	64	38.008	63	37.239	63	34.411	60,5	33.677	60,2
<b>BRASIL</b>	<b>57.304</b>	<b>100</b>	<b>59.667</b>	<b>100</b>	<b>59.976</b>	<b>100</b>	<b>60.096</b>	<b>100</b>	<b>60.591</b>	<b>100</b>	<b>59.902</b>	<b>100</b>	<b>56.929</b>	<b>100</b>	<b>55.965</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1993).

Prognóstico Agrícola, 1998.

<sup>1</sup>Dados estimados.

Sudeste



Quadro 2. Produção de uva (t) e percentual por região e Estados produtores do Brasil (1991-1998).

REGIÃO / U.F.	1991	%	1992	%	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%	1997	%	1998 <sup>1</sup>	
<b>NORDESTE</b>	<b>17.163</b>	<b>6</b>	<b>64.158</b>	<b>8</b>	<b>80.889</b>	<b>10</b>	<b>87.149</b>	<b>11</b>	<b>115.998</b>	<b>14</b>	<b>113.013</b>	<b>15</b>	<b>114.227</b>	<b>12,7</b>	<b>116.395</b>	<b>14,8</b>
Pernambuco	17.163	6	18.510	2	26.475	3	30.821	4	56.672	7	48.338	6	46.596	5,2	47.894	6,1
Bahia	0	0	45.648	6	54.414	7	56.328	7	59.326	7	64.675	9	67.631	7,5	68.501	8,7
<b>SUDENE</b>	<b>122.810</b>	<b>20</b>	<b>131.364</b>	<b>16</b>	<b>125.276</b>	<b>16</b>	<b>143.462</b>	<b>18</b>	<b>146.116</b>	<b>18</b>	<b>158.916</b>	<b>22</b>	<b>236.068</b>	<b>26,2</b>	<b>252.809</b>	<b>32,2</b>
Minas Gerais	0	0	7.707	1	5.666	1	8.782	1	8.956	1	8.956	1	8.928	1,0	10.729	1,4
São Paulo	122.810	20	123.657	15	119.610	15	134.680	17	137.160	17	149.960	21	227.140	25,2	242.080	30,8
<b>SUL</b>	<b>478.073</b>	<b>74</b>	<b>603.278</b>	<b>76</b>	<b>579.793</b>	<b>74</b>	<b>575.998</b>	<b>71</b>	<b>563.245</b>	<b>68</b>	<b>458.956</b>	<b>63</b>	<b>550.684</b>	<b>61,1</b>	<b>415.491</b>	<b>53,0</b>
Paraná	38.087	6	41.186	5	29.639	4	43.360	5	43.966	5	51.250	7	50.400	5,6	44.820	5,7
Santa Catarina	44.112	7	56.630	7	60.690	8	53.604	7	39.660	6	39.675	6	45.338	5,0	34.831	4,5
Rio Grande do Sul	395.874	61	505.462	64	489.464	62	479.034	59	479.619	57	368.031	50	454.946	50,5	335.840	42,8
<b>BRASIL</b>	<b>618.046</b>	<b>100</b>	<b>789.000</b>	<b>100</b>	<b>785.958</b>	<b>100</b>	<b>806.609</b>	<b>100</b>	<b>825.359</b>	<b>100</b>	<b>730.885</b>	<b>100</b>	<b>900.979</b>	<b>100,0</b>	<b>784.695</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1993, 1996).  
 Prognóstico Agrícola, 1998.

<sup>1</sup>Dados estimados.

Sudeste

Convém ressaltar a especificidade da viticultura da região semi-árida nordestina, em virtude da adaptação e do comportamento diferenciado das plantas nestas condições climáticas. Assim sendo, os processos fisiológicos são acelerados, a propagação é muito rápida e em cerca de um ano e meio, após o plantio, tem-se a primeira safra. Considerando que o ciclo de produção oscila em torno de 120 dias, pode-se obter até duas safras e meia por ano, mediante o manejo da irrigação e a realização de podas programadas. Isto possibilita a produção durante todo o ano e uma produtividade média da ordem de 24 t/ha/ano, igual ou acima das obtidas nas demais regiões produtoras brasileiras, conforme pode ser observado no Quadro 3. Por outro lado, também, permite a colheita dos frutos nos períodos de preços mais elevados, o que torna a viticultura uma atividade que apresenta menor grau de incerteza e elevada rentabilidade econômica.

Quadro 3. Produtividade média da uva (t/ha) por regiões e estados produtores do Brasil (1990-1998).

REGIÃO / U.F.	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998 <sup>1</sup>
<b>NORDESTE</b>	<b>17,323</b>	<b>19,230</b>	<b>22,108</b>	<b>21,703</b>	<b>22,351</b>	<b>24,908</b>	<b>23,316</b>	<b>26,15</b>	<b>23,46</b>
Pernambuco	12,716	13,965	13,813	14,226	15,637	21,672	18,407	22,796	18,385
Bahia	0	0	29,224	29,161	29,216	29,053	29,120	29,101	29,087
<b>SUDENE</b>	<b>13,760</b>	<b>13,632</b>	<b>13,169</b>	<b>12,205</b>	<b>14,401</b>	<b>14,112</b>	<b>15,371</b>	<b>22,90</b>	<b>24,88</b>
Minas Gerais	0	0	11,186	6,619	10,658	10,726	10,726	11,373	14,881
São Paulo	14,362	13,739	13,316	12,714	14,738	14,409	15,779	23,859	25,644
<b>SUL</b>	<b>13,595</b>	<b>10,144</b>	<b>12,893</b>	<b>12,608</b>	<b>12,458</b>	<b>12,357</b>	<b>10,264</b>	<b>13,03</b>	<b>10,17</b>
Paraná	13,192	13,317	13,167	10,037	12,018	11,435	13,667	12,00	10,800
Santa Catarina	15,039	10,275	14,059	14,774	13,553	10,641	10,645	12,438	11,545
Rio Grande do Sul	13,458	9,901	12,753	12,575	12,387	12,619	9,883	13,221	9,972
<b>BRASIL</b>	<b>13,699</b>	<b>10,785</b>	<b>13,388</b>	<b>13,105</b>	<b>13,422</b>	<b>13,622</b>	<b>12,201</b>	<b>15,826</b>	<b>14,02</b>

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1993, 1996).

Prognóstico Agrícola, 1998.

<sup>1</sup>Dados estimados

A produção de uva no Nordeste do Brasil concentra-se na região do Submédio São Francisco, onde sobressaem os municípios de Santa Maria da Boa Vista e Petrolina, no Estado de Pernambuco, com 54,0% da área cultivada, seguidos dos municípios de Juazeiro, Casa Nova, Curaçá e Sento Sé, no Estado da Bahia, que detêm os 46,0% restantes da área. Esses municípios foram responsáveis, no ano de 1995, por um volume de produção da ordem de 110.000 t de uva. Conforme pode ser observado no Quadro 4, o volume de produção cresceu mais de 100%, em apenas quatro anos.

Quadro 4. Produção de uva na região do Submédio São Francisco, Nordeste do Brasil, período 1991-1995.

Ano	Área total implantada (há)	Área em produção (há)	Quantidade produzida (t)
1991	2.620	2.300	32.000
1992	3.780	2.500	40.000
1993	4.000	3.000	52.000
1994	4.300	3.500	94.500
1995	4.500	4.000	110.000

Fonte: VALEXPORT (1996).

### 2.3. IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA VIDEIRA NA REGIÃO

A cultura da videira na região do Submédio São Francisco reveste-se de especial importância econômica e social, pois constitui, junto com a manga, uma das principais frutas da pauta de exportação e destaca-se, entre as culturas irrigadas, como a mais importante para comercialização no mercado interno. A participação da produção de uva do Submédio São Francisco, na pauta de exportações, foi da ordem de 9,3 milhões de dólares no ano de 1995 e de 4,8 milhões de dólares em 1996. Essa participação, embora modesta, equivale a 92 e 77%, respectivamente, dos valores das exportações brasileiras de uva.

As exportações de uva no Brasil tiveram uma trajetória ascendente até 1993, quando alcançaram um volume recorde de 12,5 mil toneladas<sup>1</sup>. A partir de então, o volume exportado decresceu para 4,6 mil toneladas em 1996. Em que pese a redução das exportações brasileiras, a participação da uva produzida no Submédio São Francisco tem sido crescente, passando de 58,3% para 75,4% do volume total das exportações do país, no período de 1992-1996 (Quadros 5 e 6).

O mercado externo para a uva da região tem uma característica importante. Trata-se de um mercado de contra-estação voltado para o consumo "*winter fruit*" dos países importadores do hemisfério norte, existindo, portanto, duas janelas de exportações durante o ano: abril-junho, com um terço do volume comercializado e outubro-dezembro, com os dois terços restantes. Entretanto, conforme se observa no Quadro 6, os valores médios obtidos por tonelada mantiveram-se constantes, em torno de US\$ 1.100 dólares. Segundo Carraro & Cunha (1994), trata-se da única fruta brasileira a ultrapassar o valor de US\$ 1.000 dólares por tonelada.

Conforme pode ser observado nos Quadros 5 e 6, a partir de 1994, a quantidade exportada de uva da região Nordeste e do Brasil tem sido reduzida. Esta redução da exportação ocorre, simultaneamente, com a expansão das importações brasileiras de uva, cujo volume aumentou de 8,4 mil toneladas em 1994 para 69,1 mil toneladas em 1996 (Gráfico 1). Isso ocorre, principalmente, porque com o Plano de Estabilização, têm sido propiciadas uma melhor distribuição de renda no país e, conseqüentemente, a incorporação de fatia significativa da população no consumo de frutas de alto valor. Após o Plano Real, o mercado interno da uva entrou em franca expansão e tornou-se muito atrativo, com preços compatíveis com os do mercado externo.

Quadro 5. Exportação de uva de mesa do Nordeste e do Brasil, em toneladas (1992-1996).

Ano	Nordeste	Brasil	NE/BR %
1992	3.989,7	6.844,9	58,3
1993	8.307,5	12.552,9	66,2
1994	4.939,2	7.092,3	69,6
1995	6.206,3	6.786,4	91,5
1996	3.411,4	4.520,0	75,4

Fonte: VALEXPORT (1996); Silva et al. (1998).

<sup>1</sup>Vale ressaltar que em termos de comércio internacional, o Brasil situava-se, em 1995, na 15ª posição entre os exportadores de uva de mesa. Sua participação no mercado mundial não passava de 0,5% do total das exportações (Tinlot & Rousseau, 1995).



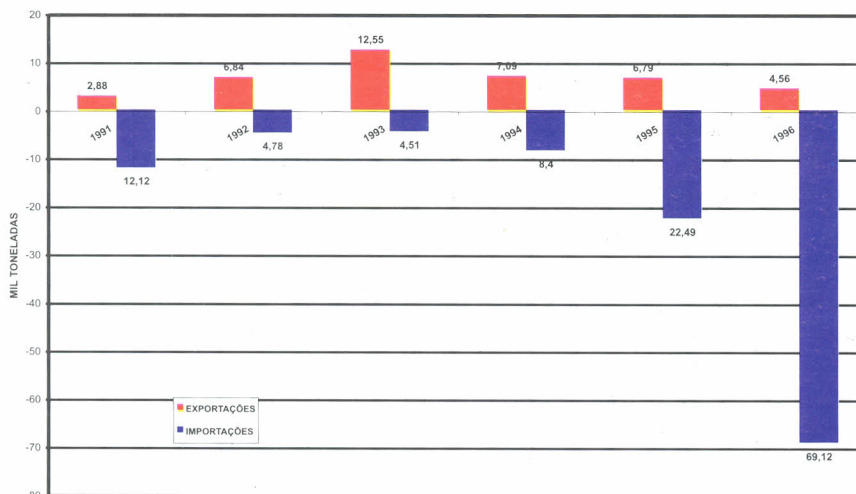
Quadro 6. Estados exportadores de uva no Nordeste do Brasil (1992-1995).

ANOS ESTADOS	1992		1993		1994		1995	
	VALOR US\$	Q (t)	VALOR US\$	Q (t)	VALOR US\$	Q (t)	VALOR US\$	Q (t)
Pernambuco	651.573	659,2	7.892.023	6.407,6	5.214.542	4.075,5	4.540.558	3.281,4
Bahia	3.923.610	3.330,5	1.965.626	1.790,2	996.023	830,7	4.788.079	2.919,3
R.G. Norte	0	0	136.800	109,6	33.200	32,9	8.008	5,6
<b>TOTAL</b>	<b>4.575.183</b>	<b>3.989,7</b>	<b>9.994.449</b>	<b>8.307,5</b>	<b>6.243.765</b>	<b>4.939,2</b>	<b>9.336.645</b>	<b>6.206,3</b>

Fonte: Brasil, Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (1997).

Cabe salientar, que o Brasil sempre foi importador de uva de mesa e, a partir de 1994, as importações de uva de mesa pelo Brasil aumentaram significativamente, chegando, inclusive, a superar as exportações (Gráfico 1). Esse comportamento das importações, que se contrapõe com o decréscimo das exportações, evidencia a grande dimensão do mercado interno.

Gráfico 1. Exportação e importação de uva de mesa (t), Brasil, 1991-1996.



Fonte: Silva et al. (1998).

A maior parte da produção de uva do Submédio São Francisco tem sido comercializada no mercado interno (regional e nacional), que absorve mais de 90% da produção regional. O mercado brasileiro de uva de mesa constitui-se, atualmente, no terceiro maior mercado mundial, superando os da Europa e do Japão. Este mercado apresentou, nos últimos anos, um forte crescimento, passando de 260 mil toneladas em 1988 para 430 mil em 1995. Pode-se observar, através do Quadro 7, que a uva Itália - principal variedade cultivada na região Nordeste - em diversas CEASAs, apresentou uma considerável elevação no volume comercializado no período de 1992 a 1995, ocorrendo



casos de crescimento da ordem de 24,5% no período (dados do Entrepasto de Minas Gerais) e no caso específico do Entrepasto de São Paulo, apesar de o crescimento ter sido de apenas 14,0%, é importante destacar que a quantidade originária das regiões da Bahia e Pernambuco, no ano de 1995, foi superior a 3.000 t (CODEVASF, 1994).

Quadro 7. Volume comercializado (t) e participação (%) da uva Itália originária dos Estados de Pernambuco e Bahia nas principais CEASAs do Brasil (1992-1995).

CEASA	Ano	1992 (t)	%	1993 (t)	%	1994 (t)	%	1995 (t)	%	Taxa Cresc. 1992/1994 (%)
Entrepasto MG		1.801		2.590		3.361		4.043		124,50
Pernambuco		-	-	128	5,0	362	11,0	308	8,0	
Bahia		326	18,0	612	24,0	772	23,0	876	22,0	
<b>Total</b>		<b>326</b>	<b>18,0</b>	<b>740</b>	<b>29,0</b>	<b>1.134</b>	<b>34,0</b>	<b>1.184</b>	<b>30,0</b>	
Entrepasto BA		1.680		2.066		2.016		3.346		99,16
Pernambuco		389	23,0	529	25,0	852	42,0	1.077	32,0	
Bahia		1.085	65,0	1.233	61,0	737	37,0	1.810	54,0	
<b>Total</b>		<b>1.474</b>	<b>88,0</b>	<b>1.782</b>	<b>86,0</b>	<b>1.589</b>	<b>79,0</b>	<b>2.887</b>	<b>86,0</b>	
Entrepasto PE		4.661		6.431		5.800		6.367		36,60
Pernambuco		3.227	69,0	4.748	74,0	4.118	71,0	5.384	84,0	
Bahia		1.010	22,0	1.498	23,0	1.258	22,0	692	11,0	
<b>Total</b>		<b>4.237</b>	<b>91,0</b>	<b>6.246</b>	<b>97,0</b>	<b>5.376</b>	<b>93,0</b>	<b>6.076</b>	<b>95,0</b>	
Entrepasto RJ		7.421		9.437		11.046		12.705		71,20
Pernambuco		465	6,0	1.362	14,0	1.162	11,0	1.970	15,0	
Bahia		1.823	25,0	2.300	24,0	2.894	26,0	2.656	21,0	
<b>Total</b>		<b>2.288</b>	<b>31,0</b>	<b>3.662</b>	<b>38,0</b>	<b>4.056</b>	<b>37,0</b>	<b>4.626</b>	<b>36,0</b>	
Entrepasto Brasília		2.560		3.051		3.852		3.250		27,00
Pernambuco		168	7,0	350	11,0	73	2,0	140	4,0	
Bahia		191	7,0	329	11,0	388	10,0	427	13,0	
<b>Total</b>		<b>359</b>	<b>14,0</b>	<b>679</b>	<b>22,0</b>	<b>461</b>	<b>12,0</b>	<b>567</b>	<b>17,0</b>	
Entrepasto São Paulo		17.284		18.156		21.971		19.739		14,00
<b>Total(BA/PE)</b>		<b>-</b>		<b>-</b>		<b>-</b>		<b>3.031</b>		

Fonte: Dados de pesquisa obtidos junto às CEASAs

A principal vantagem da viticultura do Submédio São Francisco em relação às demais regiões produtoras do país, advém, principalmente, da possibilidade de obtenção de ciclos sucessivos de produção, possibilitando colheitas em qualquer época do ano. Isto permite aproveitar as melhores oportunidades de preços, ocupando as “janelas” de mercados externo e interno, deixadas pelas regiões produtoras concorrentes, conforme pode ser observado no Quadro 8.

Quadro 8. Épocas de colheita de uvas de mesa nas diferentes regiões do Brasil, segundo as variedades.

Estado	Região	Variedade	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
RS	Alto Uruguai	Niágara e Isabel												
SC	Alto Uruguai	Niágara e Isabel												
PR	Central	Niágara, Isabel e Concord												
PR	Londrina, Marialva	Itália e Rubi												
SP	Jundiaí, Indaiatuba	Niágara												
SP	Porto Velho, São Miguel Arcanjo	Itália e Rubi												
SP	Jales, Tupi Paulista	Itália e Rubi												
PE e BA	Submédio São Francisco	Itália, Piratininga, Red Globe, etc.												

Fonte: Silva et al. (1998).

Cabe ressaltar que a uva é uma cultura produzida por diferentes estratos de produtores, com uma participação significativa dos pequenos colonos dos projetos públicos de irrigação, que representam cerca de 70% do número de viticultores, embora detenham apenas 17% da área total cultivada. A maior parte da produção está concentrada nos estabelecimentos dos médios e grandes produtores instalados nos projetos públicos ou nas propriedades privadas, situadas nas proximidades das margens do rio São Francisco.

Em documento publicado pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento (Brasil, 1997), a videira cultivada no Nordeste aparece como aquela que proporciona a maior geração de empregos entre as diversas culturas perenes e anuais, atingindo mais de 5,0 empregos/ha/ano, conforme pode ser verificado no Quadro 9. O mesmo documento destaca a uva como a cultura que apresenta a maior receita entre as principais frutas cultivadas (Quadro 10).

Quadro 9. Geração de empregos por diversas culturas, no Nordeste brasileiro.

<b>Culturas</b>	<b>Homens/ha/ano</b>
Uva	5,44
Banana	0,50
Arroz	0,35
Feijão	0,06
Cebola	0,80
Tomate	0,67
Melão	0,35
Melancia	0,28

Fonte: Brasil, Ministério da Agricultura e do Abastecimento (1997).

Em levantamento nos Perímetros Irrigados do Submédio São Francisco, constatou-se que nos custos de produção de 1 ha de videira, 41,4% correspondem aos serviços e os 58,6% restantes, ao uso de insumos (Boletim Agroeconômico, 1994). Das despesas com serviços, 88,08% se referem à contratação de mão-de-obra e os 11,92% restantes são para despesas com mecanização. Nessa pesquisa, foi também constatado que a relação Benefício/Custo da Videira foi de 2,28, o que corresponde a um alto coeficiente de eficiência econômica quando comparado com outras culturas.

Quadro 10. Indicadores econômicos da fruticultura nordestina.

<b>Culturas</b>	<b>Investimento Inicial (US\$/ha)</b>	<b>Custo anual de manutenção (US\$/ha)</b>	<b>Receita anual<sup>1</sup> (US\$/ha)</b>
Abacaxi	6.000	3.500	8.000
Acerola	3.000	2.500	10.000
Banana	4.500	2.000	12.500
Limão	4.000	3.000	13.500
Manga	4.000	3.000	12.000
Maracujá	5.500	5.000	9.000
Uva	12.000	11.000	30.000

Fonte: Brasil, Ministério da Agricultura e do Abastecimento (1997).

<sup>1</sup>Os dados de receita referem-se as médias entre preços de mercado interno e externo na primeira colheita.



Oliveira (1990) menciona que a uva de mesa necessita de 799,3 dias/homens/ha, no primeiro ano de implantação e de 1.592,6 a partir do segundo ano, tendo casos que foram encontrados até 6,4 empregos permanentes anuais por hectare<sup>1</sup>. Considerando-se que a área cultivada de uva na região, no ano de 1996, era de 4.800 hectares, e que, segundo Oliveira (1990), para cada 100 empregos diretos correspondem entre 40 e 55 empregos indiretos, pode-se deduzir que essa cultura é uma atividade que contribui significativamente para a geração de empregos nesta região.

Os custos de produção de uva no Submédio São Francisco são elevados e variam em função das práticas agrícolas diferenciadas, adotadas pelos diferentes tipos de produtores. Um levantamento recente, realizado pela Embrapa (Silva et al., 1998), estimou que os custos diretos para implantação de um hectare de uva (anos 1 e 2) oscilaram em torno de R\$ 15.800,00, sem considerar os custos com o sistema de irrigação adotado. Os custos diretos para manutenção do parreiral, a partir do ano 3, são igualmente elevados, girando em torno de R\$ 11.100,00. Entretanto, quando se consideram as despesas com a embalagem, que sempre são assumidas pelos produtores, esses custos elevam-se para, aproximadamente, R\$ 14.600,00.

Em condições de cultivo irrigado, a vida útil do parreiral é de, aproximadamente, 20 anos. Nessas condições, considerando-se os custos mencionados e uma produtividade de 30 t/ha/ano, o custo de produção da uva no Submédio São Francisco é da ordem de R\$ 0,398/kg ou R\$ 398,00/t. Quando se incluem as despesas com embalagem, esses custos elevam-se para R\$ 0,516/kg ou R\$ 516,00/t. Evidentemente, os custos apresentados podem variar em função do tamanho do empreendimento e da escala de produção, do grau de mecanização e de automação dos equipamentos utilizados, da gestão e das estratégias de produção adotadas pelos produtores.

Finalmente, convém destacar que as frutas frescas, dentre estas a uva de mesa, têm aumentado sua participação no comércio nacional e internacional, conformando complexos produtivos, num contexto de importantes mudanças socioeconômicas, tais como: a abertura dos mercados e a globalização da economia, significando exigência cada vez maior dos consumidores para com alimentos diversificados e saudáveis. Nesse contexto, as frutas frescas constituem produtos cada vez mais importantes na dieta alimentar da população e nos padrões de consumo atuais.

Segundo Balback (s.d.), diversas pesquisas mostram que a uva, em estado natural, contém várias vitaminas e sais minerais. Ela é excelente para o fígado, rins, intestinos, arteriosclerose, bronquite, etc., tanto que é considerada "um dos frutos mais medicinais da terra", fluidifica o sangue, purifica-o, enriquece-o de glóbulos vermelhos; regulariza a circulação em casos de doenças do coração e a respiração nas moléstias pulmonares; refresca os intestinos; melhora as diarreias e as disenterias; tonifica o organismo e, para as "crianças de peito", o suco da uva, fresco e puro, é uma espécie de leite vegetal, que pode ser ministrado aos lactentes na proporção de três colheres diárias. Para se ter uma idéia do valor nutricional desta fruta, em 100 g são encontradas 50 UI de vitamina A, 60 mg de vitaminas B1 e B2, 0,56 mg de B5 e 4,6 mg de C; 197 mg de potássio, 31 mg de fósforo e 24 mg de cálcio, entre outras.

<sup>1</sup>Atualmente, pode-se constatar empreendimentos que, dados os níveis de tecnologia e organização do trabalho e da produção adotados, conseguem reduzir para 2,5 postos de trabalho permanente por hectare de uva cultivado.

## 2.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, v.53, 1993.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, v.56, 1996.
- BALBACK, A. **As frutas na medicina doméstica**. 12.ed. São Paulo: A Edificação do Lar, [s.d.]. 370p. il.
- BOLETIM AGROECONÔMICO. Petrolina, PE: EMBRAPA-CPATSA, v.1, n.6, mar./abr. 1994.
- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Secretaria de Comércio Exterior. ALICE: Sistema de Informações do Comércio Exterior. Brasília, 1997.
- BRASIL Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria Executiva. **Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Nordeste**. Brasília: SPI, 1997. 148p. Documento Básico.
- CARRARO, A.F.; CUNHA, M.M. da. **Manual de exportação de frutas**. Brasília, DF: MAARA - SDR/FRUPEX/IICA, 1994. 252p.
- CODEVASF (Brasília, DF). **Estudo de mercado para banana, manga e uva produzidas no Vale do São Francisco**: texto. Brasília, 1994. 199p.
- LINS, R.de M. **Organização da cadeia produtiva do vinho na região do São Francisco**: o caso da Vinícola do Vale do São Francisco Ltda. Recife, PE: UFRPE, 1995. 129p.il. Dissertação Mestrado.
- OLIVEIRA, A.C. de, coord. **Impactos econômicos da irrigação sobre o pólo Petrolina-Juazeiro**. Recife, PE: UFPE-PIMES/CODEVASF, 1990. 32p.
- PROGNÓSTICO AGRÍCOLA. São Paulo, SP; IEA, v. 2, p.210, 1998.
- SILVA, P.C.G da.; CERDAN, C.; LEÃO, P.C. de S.; BARRETO, M.C.; BENTZEN, M. da C.P.; CHOUDHURY, M.M.; SAUTIER, D. Cadeia produtiva da uva de mesa no Nordeste. In: Seminário Nacional sobre Prospecção Tecnológica, Brasília, **Anais**. Brasília: EMBRAPA, 1998.
- TINLOT, R.; ROUSSEAU, M. Situation et statistiques du secteur vitivinicole mondial en 1994. **Bulletin de l'O.I.V.**, Paris, v.68, p.969-1054, nov./dic. 1995.
- VALEXPORT (Petrolina, PE). **Fruticultura**: uma abordagem estratégica construtiva. Petrolina, [1996]. 20p.